O Poeta da Natureza

Entrevista com o Professor Edgar Kuhlmann

Biogeógrafo e ambientalista, o professor Edgar Kuhlmann (77 anos) relata experiências profissionais e pessoais fascinantes. Neste depoimento sobre as suas pretéritas e recentes atuações em questões ambientais brasileiras e internacionais fica evidente um grande conhecimento adquirido, durante anos, em pesquisas aplicadas, no ensino superior, assim como em assuntos administrativos, em várias instituições em que trabalhou, tais como: Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), Fundação Instituto Barsileiro de Geografia e Estatística (F.IBGE) e Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde desempenhou funções que demonstraram um constante amor por tudo que diz respeito à natureza.

Atualmente, faz parte de algumas entidades ambientalistas (FEDAPAM - Frente de Defesa da Apa da Mantinqueira e APROPANI - Associação Pró-Parque Nacional de Itatiaia), mas é na Serrinha, distrito de Itatiaia onde vive, que se dedicou a fundar uma Associação de Moradores - que cuida, ao mesmo tempo, das questões sócio-econômicas da região e do meio ambiente - e a escrever para o Jornal "O Tilinda".

Publicou vários artigos e periódicos especializados, nacionais e internacionais, dentre os quais se destaca um trabalho clássico, da década de 70, que, até hoje, é muito utilizado por alunos dos cursos de Geografia e Biologia, intitulado: "Noções de Biogeografia", transcrito no Boletim Geográfico editado pelo IBGE.

Entrevista conduzida por Nadja Maria Castilho da Costa Distrito de Serrinha, Itatiaia, 27 de junho de 1997.

GeoUERJ - No âmbito pessoal, relate um pouco da sua experiência, de sua formação acadêmica e como surgiu o interesse pela Geografia, principalmente pela Biogeografia e pelas questões ambientais.

Kuhlmann - Sou mineiro, apesar de minha aparência meio germânica. Nasci na cidade de Santa Bárbara do Mato Dentro, que fica bem próxima da zona ferrífera de Minas Gerais: de Icaeté e Itabira (área central ferrífera). Fui criado ali até, mais ou menos, os 8 anos de idade quando, então, fui para outra cidade mineira - Caratinga. Grande parte de minha infância e adolescência, passei nessa cidade. Meu pai viajava muito (ele era engenheiro) e fazia muito trabalho de medição de terras e eu o acompanhava. Mas, não tinha realmente, até então, uma vocação para a natureza. Como todo garoto, vivia atrás de passarinho com atiradeira na mão, pois na minha época não havia muito o princípio de respeito ao meio ambiente, os garotos todos viviam caçando. Então, essa foi a minha primeira fase até os 11 anos, quando nos mudamos para a cidade de Paraíba do Sul. Tenho uma ligação muito grande com o vale do Paraíba. Tive a oportunidade de ir para Juiz de Fora e terminar o último ano de ginásio no Instituto Gramberi que era uma boa instituição de ensino. Lá, então, tive a possibilidade de estudar (eu era um estudante pobre) e recebi uma bolsa de estudos no Rio de Janeiro para a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi). Essa minha ida para o Rio me possibilitou uma coisa muito interessante, que foi morar no Jardim Botânico com o meu tio - ele foi diretor durante, mais ou menos, três anos. Foi o meu primeiro contato com a Geografia. Quando comecei o curso de Geografia, não pensava ainda em Biogeografia. O meu interesse era simplesmente geográfico, sem nenhum sentido voltado especificamente para a história natural ou para a biologia.

GeoUERJ - Como surgiu essa vontade, esse interesse pela Geografia voltada para o meio ambiente ?

Kuhlmann - Até então, não tinha nenhuma vocação e nem conhecimento preliminar de botânica, mas vivendo dentro do Jardim Botânico, saía, quando este fechava, com a bicicleta de meu primo e começava a dar voltas para conhecê-lo, de ponta a ponta, vendo as aves, a época da floração e frutificação das plantas. Comecei, realmente, a tomar conhecimento daquilo que penetrou um pouco em mim, naquela vontade, e quando já estava no primeiro ano da FNFi fui convocado para a II Guerra Mundial, em 1941 e, conseqüentemente, tranquei a matrícula. Terminada a Guerra, voltei, para a faculdade e aí ocorreu um fato interessante, tive a oportunidade de conhecer e trabalhar com o Professor Dansereau, que é talvez um dos maiores biólogos que se tem conhecimento. Nesta época, já na faculdade outra vez, comecei também a trabalhar no IBGE.

GeoUERJ - Então, a sua motivação maior veio através da experiência trazida por pesquisadores estrangeiros?

Kuhlmann - De certa forma sim. A primeira turma da FNFi (que foi a de 1941) participou da vinda de professores franceses para o Brasil. Eles deram uma contribuição muito grande aos geógrafos brasileiros, principalmente os professores Francis Ruellan e Deffontaines. Nós tínhamos uma relação muito grande com eles, princi-

palmente com o Professor Ruellan, no Rio de Janeiro, pois fizemos muitos trabalhos de campo juntos. A partir de então a FNFi e o IBGE se entrosavam muito, já que naquela época havia interesse do IBGE em ter o pessoal da FNFi que estava fazendo Geografia, em seus quadros. Nessa época, estávamos em plena euforia na Geografia. Foi quando Dansereau veio para o Brasil. Fizemos muitas excursões, juntamente com os demais professores franceses, e aquele meu interesse foi aumentando e, realmente, me apaixonei pelo trabalho do Dansereau. Posteriormente, consegui uma bolsa de estudos para o Canadá, vindo a passar dois anos em Montreal. Lá me deram a possibilidade de me formar em História Natural, aproveitando o curso feito no Brasil. Em seguida voltei e continuei minhas atividades no IBGE, sendo contratado, também, pela USP. Fui o primeiro professor de Biogeografia da USP, ficaram entusiasmados com o estilo de Dansereau e o meu. Como seu discípulo, seguia sua linha nas aulas que ministrava. Assim, a primeira faculdade onde pude desenvolver um trabalho de Biogeografia foi a USP, durante 2 anos.

GeoUERJ - Portanto, você se afastou do IBGE?

Kuhlmann - Não. Não me afastei do IBGE. Eu fiquei no IBGE até 1960.

GeoUERJ - Então conciliou a USP e o IBGE?

Kuhlmann - Sim, conciliava. Quando parei de dar aula em São Paulo, também saí do IBGE e, por um idealismo, fui dirigir uma instituição de Serviço Social no Rio de Janeiro - o Instituto Central do Povo que fica na Gâmboa, no Morro da Providência. Tinha feito um curso nos Estados Unidos para direção de instituições sociais e educativas. Lá, no Instituto Central, trabalhei até 1970 quando, então, fui recontratado pelo IBGE, permanecendo até 1985, quando me aposentei. Antes de me aposentar, trabalhando no IBGE, voltei a dar aula, só que na Faculdade Gama Filho e na PUC, por dois anos. De 1977 a 1990, fui professor da UERJ, quando então, completei a bela idade de 70 anos e não pude mais lecionar sendo, compulsoriamente, convidado a me aposentar.

GeoUERJ - Voltando a sua atuação no IBGE, você chegou a participar do Projeto RADAM Brasil ?

Kuhlmann - Não, estava saindo do IBGE quando o Projeto RADAM começou.

GeoUERJ - Então, no IBGE, que tipo de trabalho você desenvolveu ?

Kuhlmann - Na realidade, fiz, principalmente, trabalhos de Biogeografia, particularmente ligados à Botânica, à Fitogeografia. Comecei a gostar mais de Zoogeografia aqui na Serrinha, já fora da Universidade. As informações que ia acumulando a respeito da Fitogeografia do Brasil, transmiti à equipe do RADAM. O Pimenta Veloso trabalhou muito comigo e com o Dansereau. Nós tínhamos idéias, em geral, muito parecidas.

GeoUERJ - Dansereau chegou a viver aqui no Brasil?

Kuhlmann - Sim. Ele veio aqui na Serrinha (onde hoje vivo) me visitar por duas vezes e chegou a dar um curso, aqui, por dois anos, logo que vim (com ele) do Canadá.

GeoUERJ - Queria que você falasse um pouco da sua mudança de vida, após a sua aposentadoria, da sua vinda para a Serrinha e da sua inserção na FEDAPAM.

Kuhlmann - Aqui na Serrinha, o primeiro impacto que tive foi presenciar uma riqueza natural muito grande: uma vegetação rica e bem desenvolvida, comparável, por exemplo, a Penedo, Mauá, etc. Mas apresentava um contraste gran-

de: a riqueza da biota e a presença crescente da população. Então, a primeira coisa que se pensou foi fundar uma associação de moradores, embora isso tenha sido realizado muitos anos depois, após ter me fixado aqui (há 12 anos).Fui o primeiro vice-presidente da associação e então começamos a fazer uma pressão na Prefeitura de Resende para que as condições ambientais não fossem deterioradas, reconhecendo que a Serrinha era uma área privilegiada e precisava estar sob controle. Criamos, na verdade, uma associação de moradores peculiar, porque além de se preocupar com os problemas sócio-econômicos do local, também cuidava do meio ambiente. Era, então, uma associação ambientalista e de moradores; talvez uma das poucas existentes no Brasil. Bom, com isso as pessoas do Planalto Mineiro que tinham problemas com áreas bem típicas da Mantiqueira começaram a se aproximar da associação. Gente de Penedo, de Resende, do Parque Nacional de Itatiaia, do IBAMA, etc. A partir daí, pensou-se então: porque não formar uma associação que seja voltada para os problemas da Mantiqueira? Sabíamos que havia risco crescente do aumento da ocupação humana e das grandes propriedades - no caso das fazendas antigas - serem loteadas. Esse problema dos loteamentos não podia acontecer. Seria uma mudança brusca na estrutura antiga da Mantiqueira. Então, resolvemos criar a FEDAPAM. Como nosso primeiro trabalho, reunimos um material muito grande sobre o conhecimento da região e denúncias de desmatamentos. As últimas reservas de pinheiro do Paraná, de Araucárias, estavam sendo destruídas aqui, perto do Planalto Mineiro, quase dentro do Parque Nacional e essas denúncias começaram a surtir efeito. Mas surgiu a pergunta: quando vamos publicar isso? Aí, então, conseguimos a ajuda financeira da WWF (World Wildlife Fund) e, com interesses de outras ONGs brasileiras, publicamos um relatório que incluía uma série de estudos feitos por vários autores da Mantiqueira somadas a nossa experiência de campo do Parque Nacional de Itatiaia. Foi essa experiência que nos ajudou até hoje.

GeoUERJ - Mas a ação da FEDAPAM e da Associação de Moradores fica muito em nível de denúncia ou vocês têm algum poder decisório?

Kuhlmann - Nunca tivemos poder nenhum, pois a nossa luta, em primeiro lugar, foi contra o IBAMA. O IBAMA criou uma APA da Mantiqueira enorme, que vai desde São Paulo (início do Vale do Paraíba, principalmente) passando por Minas Gerais e Rio de Janeiro. São vários sítios, cerca de 32 mil há. Então o IBAMA não tinha como controlar uma área tão grande e queríamos trabalhar, de qualquer maneira, no sentido de protegê-la. Então, o primeiro trabalho nosso foi esse: descrever e criar essa Frente de Defesa. Foi um trabalho meio "quixotesco" de certa maneira, mas isso rendeu um fruto muito grande para a Serrinha, porque com o resultado da APA da Mantiqueira e da FEDAPAM criou-se um interesse grande, dentro da associação de moradores, para a criação de uma APA municipal que foi criada há, mais ou menos, sete anos, com características especiais. É uma das poucas áreas dentro do município, talvez até do Brasil, em que se fez uma APA municipal e, ao mesmo tempo, criou-se uma Guarda Municipal Florestal, a primeira do Brasil. Então, nessa área, não se derruba uma árvore, não se faz uma queimada, não se aprisiona nenhum animal, porque a "Guarda" não deixa. Aliás, estamos lutando, hoje, para a manutenção dessa "Guarda", para que a Prefeitura não a deixe desaparecer. Já, algumas vezes, funciona a Guarda Montada. Aqui na região há um interesse muito grande de coleta de palmito que, aliás, ocorre em toda a Mata Atlântica. A principal luta da guarda montada é não permitir o desmatamento, principalmente por parte dos palmiteiros e também a caça, que praticamente acabou. Essa "Guarda" é mantida até hoje. Recebemos, graças à APA Municipal e à criação da "Guarda", um Prêmio, que era dado

no Brasil aos municípios que apresentavam projetos ambientais. Foi um prêmio especial fornecido pelo Grupo de Indústrias e Comércio do Brasil. Esse prêmio nos incentivou muito e, durante a ECO-92, tivemos uma participação muito boa. Mandamos, para lá, cartazes e um representante nosso, que é hoje Secretário Municipal do Meio Ambiente.

GeoUERJ - Recentemente, durante a comemoração dos 60 anos da criação do Parque Nacional de Itatiaia, foi percebido, e divulgado pela imprensa, que o mesmo está em uma situação de abandono. Esse quadro é comum em termos de Unidade de Conservação Brasileira. Você vê solução para o Parque de Itatiaia? O que deve ser feito para sustar as principais ações de degradação?

Kuhlmann - Conheci o Parque Nacional quando ainda estava iniciando trabalhos em conjunto com Dansereau e, nessa época, estava na direção do Parque o seu criador, o Dr. Wanderbilt [Duarte de Barros] que morreu no dia 31 de março desse ano. O que estava sendo implantado no Parque realmente era uma beleza, como por exemplo: novas construções, a biblioteca, a fitoteca, o museu de história natural, que foi reformado recentemente, onde muitos animais estavam se perdendo. Nessa época, trabalhava com o biólogo Élio Gouveia, que ainda hoje trabalha no Parque, e foi o responsável por grande parte do que foi implantado. Depois que Wanderbilt saiu, o Parque Nacional começou a se deteriorar. Quase todos os Parques do Brasil têm o problema da presença de propriedades particulares no seu interior. A questão fundiária é crucial em quase todos eles. Agora, acontece uma coisa interessante no Parque de Itatiaia: as propriedades particulares vêm ajudando na sua manutenção, por incrível que pareça, principalmente na época de incêndios. Às vezes, a sensação é que, por estarmos perto do primeiro Parque brasileiro e por estarmos próximo aos grandes centros, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte (Vale do Paraíba), os problemas se tornaram mais evidentes. Certamente, há Parques em piores condições do que esse, mas também há Parques em melhores condições. Mas os problemas do Parque Nacional de Itatiaia são um reflexo da crise do IBAMA. Ele, há muito tempo, não tem um bom sistema de monitoramento das Unidades de Conservação. A orientação dele é errada em seu princípio de conservação e idéia de Parque. Isso é de tal maneira grave que, há alguns anos atrás, criamos - e hoje eu digo isso porque participei da criação - da APROPANI, vice-presidida por Élio Gouveia. Esse ano, com o aniversário do Parque, houve a eleição da nova diretoria e agora é uma advogada que assumiu a APROPANI (Drª Luciene Dumay). Houve, no início, uma certa resistência por parte de algumas administrações que não aceitavam muito a idéia e questionavam o porquê de uma associação para ajudar o Parque. Mas, na verdade, foi através dela que conseguimos influenciar o trabalho de algumas pessoas envolvidas na administração do Parque, levando novas idéias, inclusive com o fomento à criação de cursos e a melhoria da infra-estrutura aos visitantes e pesquisadores.

GeoUERJ - A APROPANI ainda existe e está ativa?

Kuhlmann - Continua sim, inclusive com nova diretoria. Fui vice-presidente até o ano passado.

GeoUERJ - Como você caracteriza a atual administração do Parque e a sua atuação?

Kuhlmann - Acho que agora ela está mais ou menos afinada. Carlos Zican, atualmente diretor, tem trabalhado em prol do Parque, há muito tempo. Ele é o primeiro administrador que não tem curso nenhum, não tem especialidade nenhuma. Na verdade ele é fotógrafo e faz filmagens para uma companhia especializada. Ele

não é biólogo, não é geógrafo, e tampouco é formado em ciências ambientais. Mas ele tem uma coisa importante a seu favor: ele era presidente da Associação de Montanhistas de Resende e conhece, detalhadamente, todo o Parque. Creio que ainda é cedo para falar mais alguma coisa, pois ele assumiu há pouco tempo.

GeoUERJ - Bem, você agora está aqui na Serrinha, convivendo mais diretamente com as comunidades e com o meio ambiente. Você vê, hoje, uma maior mobilização, uma consciência ambiental maior? Acha que a sociedade, como um todo, vem participando mais ativamente junto à Associação de Moradores?

Kuhlmann - Sem dúvida. Há pouco tempo tivemos uma reunião onde não se teve quase tempo de se convocar toda a população, mas houve um comparecimento grande de pessoas. Apresentamos doze objetivos importantes para serem implantados e todos votaram. Quando se criou a APA da Serrinha, nós elaboramos um Plano Diretor que foi esboçado, inicialmente, a partir de reuniões da população. É um plano que contempla a sua atuação efetiva nos trabalhos. Ela auxilia a Guarda Florestal com denúncias, com trabalhos comunitários, como, por exemplo, a criação de uma nova escola e também no trabalho de educação ambiental voltada para as crianças, em que cada criança é responsável por uma área do Parque. Toda manhã ela tem que regar a árvore que plantou. Então, as crianças aprendem a não destruir a vegetação aqui, elas aprendem que caçar é proibido e pegar passarinho também.

GeoUERJ - Hoje tem-se usado muito a terminologia Geoecologia. Se usa mais essa terminologia do que Biogeografia. O que o senhor pensa disso? Houve uma mudança de concepção no trato das questões ambientais e biogeográficas ou realmente é tudo a mesma coisa? Aquela maneira de ver a biogeografia de algumas décadas atrás é a mesma de hoje?

Kuhlmann - Creio que o termo Geoecologia dá um sentido global aos problemas ambientais. Quando a Biogeografia foi criada por Humboldt não havia essa premência de "Salve-se a Terra!", havia ainda uma preocupação acerca do conhecimento do mundo vegetal e animal. Então, ele criou aqueles conceitos todos, mas não havia aquela idéia de se ter que salvar a terra porque está sendo degradada, está sendo poluída de tal forma que existe a possibilidade de se perder a vida dos oceanos, rios, etc. O que se faz, hoje, através da Geoecologia, é mais globalizante e consiste em chamar atenção para os graves problemas ambentais do planeta terra. Para mim, não houve mudança na visão da matéria, mas de conceito mais premente de salvação do planeta. Você vê que não se falava, naquela época, em "biodiversidade". Hoje, biodiversidade talvez seja a expressão mais falada em Biogeografia ou Geoecologia. A biodiversidade da terra tem sido alterada completamente. Manter a riqueza que ainda existe no nosso país é a preocupação maior.

GeoUERJ - Você é pessimista ou otimista com relação aos problemas ambientais no Brasil? Acha, por exemplo, que o processo de destruição da Mata Atlântica é irreversível ou há alguma solução para esse processo contínuo de degradação?

Kuhlmann - Se eu fosse pessimista, eu não faria nada do que tenho feito até então. Nós temos que ser otimistas em qualquer circunstância. Em toda a minha vida, como professor, quando eu via poucos alunos nas turmas, eu tinha que me reestruturar para continuar, isso é um aspecto de otimismo. Vejo, por exemplo, não só no Brasil, como em outras partes do mundo, essa preocupação com a conscientização ambiental. A criação, por exemplo, do "Green Peace" e da WWF são exemplos que nos levam a ser otimistas.

GeoUERJ - O somatório de esforços, mesmo que sejam pontuais, tende a um resultado positivo e otimista, não é?

Kuhlmann - Sem dúvida. Há tanta gente, pessoas das universidades, das ONG's, cidadãos comuns, enfim, pessoas que estão empenhadas nisso. Com tanta gente trabalhando, acho que temos que acreditar que esse quadro de degradação vai mudar e que a Mata Atlântica, que hoje está reduzida a 8% do que existia, pode ser preservada. Em alguns lugares estão sendo feitos replantios que contribuem para resgatar a floresta. Tudo depende do homem, somente dele. É uma mudança de mentalidade.

GeoUERJ - E o seu lado poético? Como a sua poesia ambiental(ista), aflorou?

Kuhlmann - Não sei se faço poesia ou se é prosa misturada com um pouco de verso... . Mas isso veio a partir de 1995, quando já tinha mais de 70 anos. Com uma vida mais tranqüila e um contato constante com a natureza, esse lado poético aflorou. Tem umas poesias que realmente são bonitas, vêm da inspiração do local. Em 1974, quando construí a "cabana" onde moro, tinha quase certeza que não iria sair daqui. Tem, ainda, o jornalzinho da associação de moradores (Jornal "O Tilinda") que comecei a escrever há 10 anos. Publiquei muita coisa numa revista da Associação Comercial e Industrial de Resende- CIAR, publiquei, também, no Jornal ALIR, de Resende, onde tinha uma seção chamada "Vida do Campo" e no Jornal da CERES que é da Companhia de Eletricidade, onde também publiquei uns versos meus. Ou seja, é uma grande distração de minha vida! Não sei se as pessoas dizem que está bonito para agradar, mas só sei que me agrada muito. Eis aqui um dos poemas de que mais gosto:

Sonhei que, trazida pelo vento ligeiro
do coração da floresta mais densa,
chegou a semente iluminada pelo sol da manhã e,
de repente, se transformou numa árvore enorme
que ocupou todo o espaço vazio que havia na terra tão seca e
na alma do povo que, há muito,
aguardava um pouco de verde
e um sopro de vida.
Em sua sombra, começou a nascer a esperança dourada,
como as folhas que brotam no início da primavera.
Que, das flores perfumadas de todas as cores,
preceda os frutos que alimentaram os
homens de todas as raças e credos.
E todos diziam: não mais cortiços, nem favelas,
não mais Hiroshima, não mais mortes por fome, por AIDS
e por todos os tipos de ódio e de guerra.
Que a árvore bendita envolta num sonho
possa, algum dia, tornar-se real como a vida.